

J. L. CARDOSO

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA  
(LISBOA, PORTUGAL)  
NOTA PRÉVIA SOBRE A COLECÇÃO  
DE ÁLVARO DE BRÉE

Separata do *Boletim da Sociedade Geológica  
de Portugal*, Vol. XXI, Fasc. II-III.

LISBOA

1979

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA  
(LISBOA, PORTUGAL)  
NOTA PRÉVIA SOBRE A COLECÇÃO  
DE ÁLVARO DE BRÉE

POR

J. L. CARDOSO

RESUMO

Do estudo do espólio que pertenceu a Álvaro de Brée, proveniente do povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal), resultou o estabelecimento das seguintes seqüências culturais, conhecidas pelos sucessivos habitantes, que durante mais de mil anos ocuparam intensamente aquele lugar :

1 — *O horizonte calcolítico final*, que corresponde a um fundo cultural autóctone existente no litoral estremenho, que, a determinada altura teve influências culturais dos construtores de megalitos do Alentejo e das populações almerienses.

2 — *O horizonte calcolítico inicial*, resultante da fusão da cultura pré-existente com contribuições, directas ou indirectas, provenientes do Mediterrâneo oriental, por via marítima.

3 — *O horizonte calcolítico médio*, durante o qual se deu, em nosso entender, uma progressiva independência dos povoados das penínsulas de Lisboa e Setúbal, nos quais se desenvolveu a metalurgia do cobre, bem documentada em Leceia. A abundância da cerâmica decorada em «folha de acácia» e «crucíferas», indicam-nos uma época de apogeu, comum aliás a outros povoados desta região, por vezes transformados, nesta altura, em verdadeiros redutos fortificados.

4 — *O horizonte calcolítico superior*, marcado pela eclosão da cerâmica campaniforme, representada apenas acidentalmente em Leceia. Contudo, ao autor foi possível descortinar uma seqüência evolutiva local da «taça de Palmela», a partir de formas atribuídas ao Calcolítico inicial (taças decoradas interiormente), já indicada por outros autores.

RESUMÉ

Dans le présent travail, l'auteur fait connaître les conclusions tirées de l'étude du matériel provenant de l'habitat chalcolithique de Leceia, située dans les environs de Lisbonne, où il a été recueilli autrefois par le sculpteur Álvaro de Brée.

La plus grande partie des pièces a été trouvée en surface et sans aucune indication stratigraphique. Ainsi, les conclusions sont basées uniquement sur des comparaisons avec d'autres stations dont la stratigraphie est bien connue. Par rapport à celles-ci, l'auteur a considéré comme probable l'existence des stades d'occupation successifs suivants :

1 — *L'horizon néolithique final*, qui correspond à un fond culturel autochtone du littoral d'Estremadura, ayant subi d'influences mégalithiques de l'Alentejo et almériennes.

2 — *L'horizon chalcolithique initial*, résultant de la fusion de la culture pré-existante et d'influences, directes ou indirectes, précédentes de la Méditerranée orientale.

3 — *L'horizon chalcolithique moyen*, auquel correspond, à notre avis, une Progressive indépendance des habitats de la péninsule de Lisbonne et de Setúbal, où se développa la métallurgie du cuivre, bien documenté à Leceia. L'abondance de la céramique décorée à «feuille d'acacia» et «cruciféracées», indique une époque d'apogée, commune d'ailleurs à d'autres habitats de cette région, parfois transformés, à cette époque, en véritables comptoirs fortifiés.

4 — *L'horizon chalcolithique supérieur*, marqué par l'éclosion de la céramique campaniforme, représentée seulement par accident à Leceia. Néanmoins, l'auteur a pu envisager une séquence évolutive de la «tasse de Palmela», dès des formes du Chalcolithique initial (tasses décorées à l'intérieur), déjà indiquée par d'autres auteurs.

Nesta nota preliminar, dão-se a conhecer as conclusões sumárias do estudo do espólio (1), proveniente do povoado calcólico de Leceia, situado nos arredores de Lisboa, recolhido ao longo de muitos anos pelo escultor A. de Brée. Em virtude de não se conhecerem para nenhum dos artefactos, indicações estratigráficas (a grande maioria é de recolha superficial), as conclusões que deles pudemos extrair, foram, assim, baseadas noutras estações com estratigrafia conhecida.

Assim, admitimos, como possível, a ocupação puramente neolítica do local, documentada pelos machados cilíndricos, pela elevada percentagem de enxós, pelos micrólitos, indústrias microlíticas, lâminas e lamelas não retocadas, pontas de seta de base triangular, arredondada ou pedunculada e pelas raspadeiras sub-circulares ou ovais. Na cerâmica, destacam-se as formas dolménico-almerienses, os vasos de bordo denteado, a cerâmica com cordões em relevo, decorada a ponteados, com impressões ungui-

(1) O estudo desta colecção está concluído, aguardando publicação.

formes e incisa a traço fino. A este grupo, juntar-se-iam fragmento de alabarda e outro de placa de xisto. De salientar que grande parte dos artefactos citados, persiste, no Calcolítico, como é o caso das placas de xisto gravadas e de certos grupos decorativos cerâmicos, a denunciar a existência de ~~vetor~~ <sup>ve</sup> neolítico tardio, na Idade do Cobre portuguesa, do litoral ocidental, com dinâmica e evolução próprias. /c

Conforme foi mostrado, nos poucos cortes estratigráficos efectuados em povoados da região dos baixos Tejo e Sado, verificar-se-ia miscenização de artefactos representantes da cultura neolítica local, com outros, já nitidamente calcolíticos, isto é, contemporâneos da fase inicial da metalurgia do cobre nesta região. São característicos desta, a chamada «cerâmica importada» — a «Importkeramik» dos autores alemães, representada pelos conhecidos «copos» — assim foram designados por A. do Paço — e taças caneladas e pela cerâmica decorada interiormente, à qual, juntamente com a presença de outros artefactos, como os conhecidos ídolos de mármore e calcário, ou as contas de minerais muito raros na Península, em geral pertencentes à família das variscites, se tem associado a presença, ou pelo menos a influência de indivíduos provenientes do Mediterrâneo oriental, que na primeira metade do III milénio a. C., teriam atingido, para aqueles que defendem a primeira hipótese, a costa portuguesa. Movia-os a busca do cobre, existente no «hinterland» alentejano, o qual seria posteriormente exportado, já manufacturado, em variado instrumental. A chegada e fixação destes prospectores, comerciantes e metalúrgistas do cobre, firmemente defendida pelos arqueólogos do Instituto Arqueológico Alemão, que têm trabalhado entre nós, deve, a nosso ver, ter-se dado de modo pacífico, pois, como grupo minoritário que eram, só assim poderiam levar a bom termo as tarefas de prospecção, recolha e metalurgia do cobre, para as quais poderia contribuir eficientemente a população autóctone. Discordamos, pois, daqueles que pensam ser as muralhas dalguns destes povoados, características da primeira fase de ocupação deles, isto é, construídas pelos próprios colonos vindo do Mediterrâneo oriental, que assim se protegeriam de ambiente hostil. No nosso entender, a construção de tais muralhas deu-se posteriormente, conforme parece indicar o corte estratigráfico do povoado de

Vila Nova de S. Pedro (Santarém), feito em 1959 por H. SAVORY (1970). De facto a admitirmos a fixação de tais indivíduos, em locais já habitados anteriormente ou em locais novos, ela foi acompanhada, em qualquer dos casos, por miscenização com a cultura neolítica autóctone, como parecem mostrar os cortes dos povoados da Parede (PAÇO, 1964) e Rotura (FERREIRA e al., 1970; SILVA, 1971), os únicos, para além do atrás citado, em que nos podemos basear por ora.

A prática da metalurgia do cobre, comprovada em Leceia e o seu subsequente comércio, conducente à criação de reservas e portanto à acumulação de riqueza, favoreceu, a par da possível quebra do único elo que mantinha unidos estes povoados, ou seja, as relações comerciais, comuns a todos eles, com o Mediterrâneo oriental, a progressiva independência de uns em relação aos outros, os quais poderiam ter assumido, inclusivamente, interesses antagónicos. Esta seria, pois, a fase de construção de circuitos defensivos nalguns deles, ao mesmo tempo que se evidenciava, por certos artefactos, como a cerâmica decorada por sulcos largos e profundos, característica dos povoados das penínsulas de Lisboa e Setúbal, regionalismo marcado. Nesta altura, que podemos situar entre os meados e o fim do III milénio a. C., a produção de cobre destinar-se-ia sobretudo, ao contrário do que acontecia anteriormente, ao consumo interno (SAVORY, 1968), ao mesmo tempo que os contactos comerciais, se faziam preferencialmente com a região de Almeria. Esta fase é caracterizada, tal como a anterior, essencialmente pela cerâmica, donde se destaca, para além do tipo atrás citado, a cerâmica decorada em «folha de acácia» e em «crucífera», que subsistiram, conforme o verificado no povoado da Rotura (SILVA, 1971), até ao Calcolítico superior. O talhe do sílex atinge grande perfeição, evidenciando-se as pontas da seta de base côncava, que podem ocorrer já anteriormente e os elementos elípticos de foices, de apurado lascamento bifacial. Este período corresponde pois a franca prosperidade dos povoados desta região. É interrompido pela eclosão da cultura do vaso campaniforme, por volta de 2000 a. C. (SCHUBART, 1977), com o qual se inicia o Calcolítico superior. Deste, temos escassos vestígios no povoado de Leceia, não se conhecendo nenhum exemplar do estilo «internacional», facto contrastante com o observado nos povoa-

dos da península de Setúbal, onde, sempre que a ocupação no Calcolítico médio foi importante, aquele estilo predominava (SOARES et al., 1975; 1974/1977), o que levou estes autores a considerá-lo, dentre a cerâmica campaniforme, como o mais antigo. Por outro lado, em Leceia, também há indícios da evolução local da «taça de Palmela», a partir de formas pré-campaniformes, salientando-se o ineditismo da conjugação de decoração pré-a uma forma já campaniforme.

Com o início do Calcolítico superior, finda, em suma, a ocupação pré-histórica do povoado de Leceia. Terminamos, salientando o carácter provisório das conclusões ora apresentadas, visto não dispormos de escavações suficientes de povoados desta região, única forma de resolver satisfatoriamente certos problemas, particularmente no respeitante ao processo de calcolitização desta região e às transformações sócio-económicas dele decorrentes.

#### BIBLIOGRAFIA

- FERREIRA, O. V. e SILVA, C. T. (1970) — A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *Actas I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, vol. II.
- PAÇO, A. (1964) — O povoado pré-histórico da Parede. *Ed. Câmara Municipal de Cascais*.
- SAVORY, H. N. (1968) — Spain and Portugal. Col. Ancient Peoples and Places. *Thames and Hudson*, Londres. Tradução portuguesa, *Verbo*, Lisboa, 1971.
- SAVORY, H. N. (1970) — A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém, 1959. *Actas I Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, vol. I.
- SCHUBART, H. (1977) — Datas do radio-carvão para o castro do Zambujal. *XIV Congreso Nac. Arqueologia*, Zaragoza.
- SILVA, C. T. (1971) — O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *Actas II Congr. Nac. Arqueologia*, Coimbra.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. (1975) — A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, vol. II.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. (1974/1977) — O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série III, vol. VII-IX.

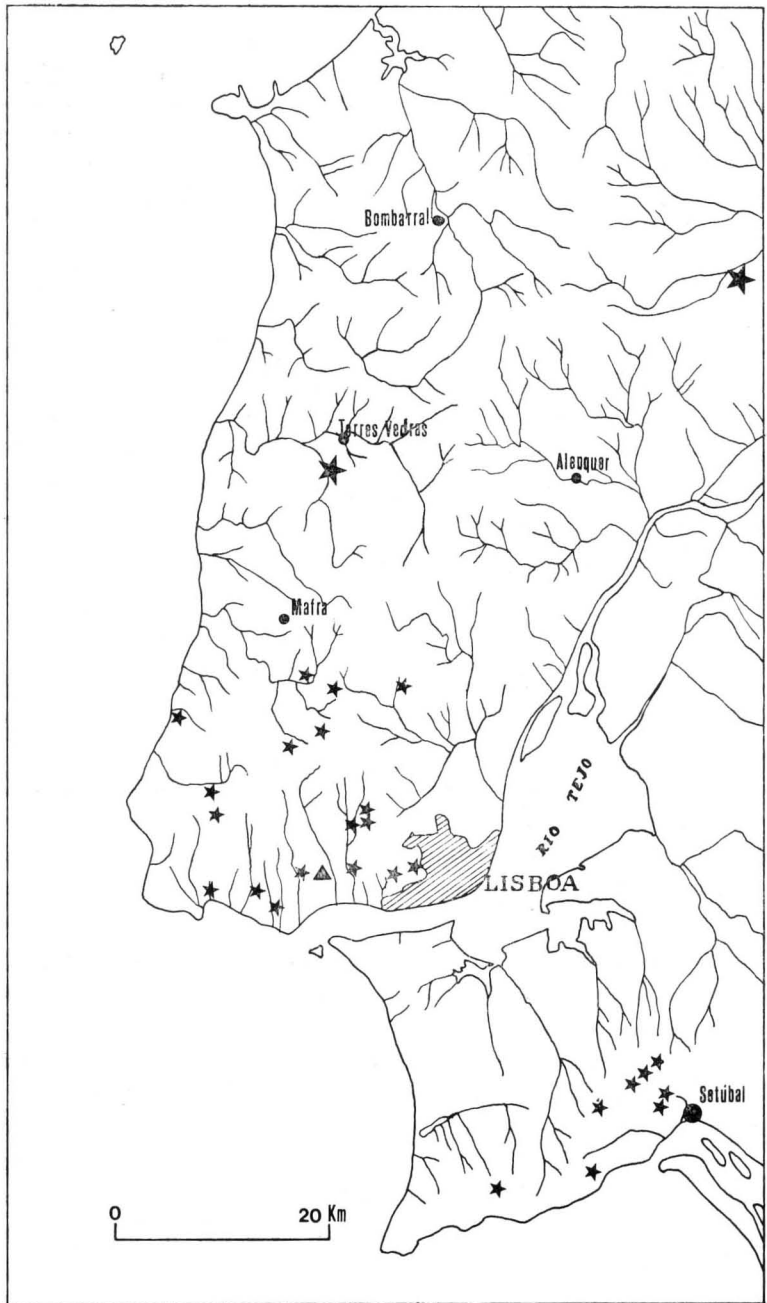


Fig. 1 — Localização geográfica dos povoados mais importantes das regiões do Baixo Tejo e Sado. O número 39 corresponde ao de Leceia.

*triângulo*

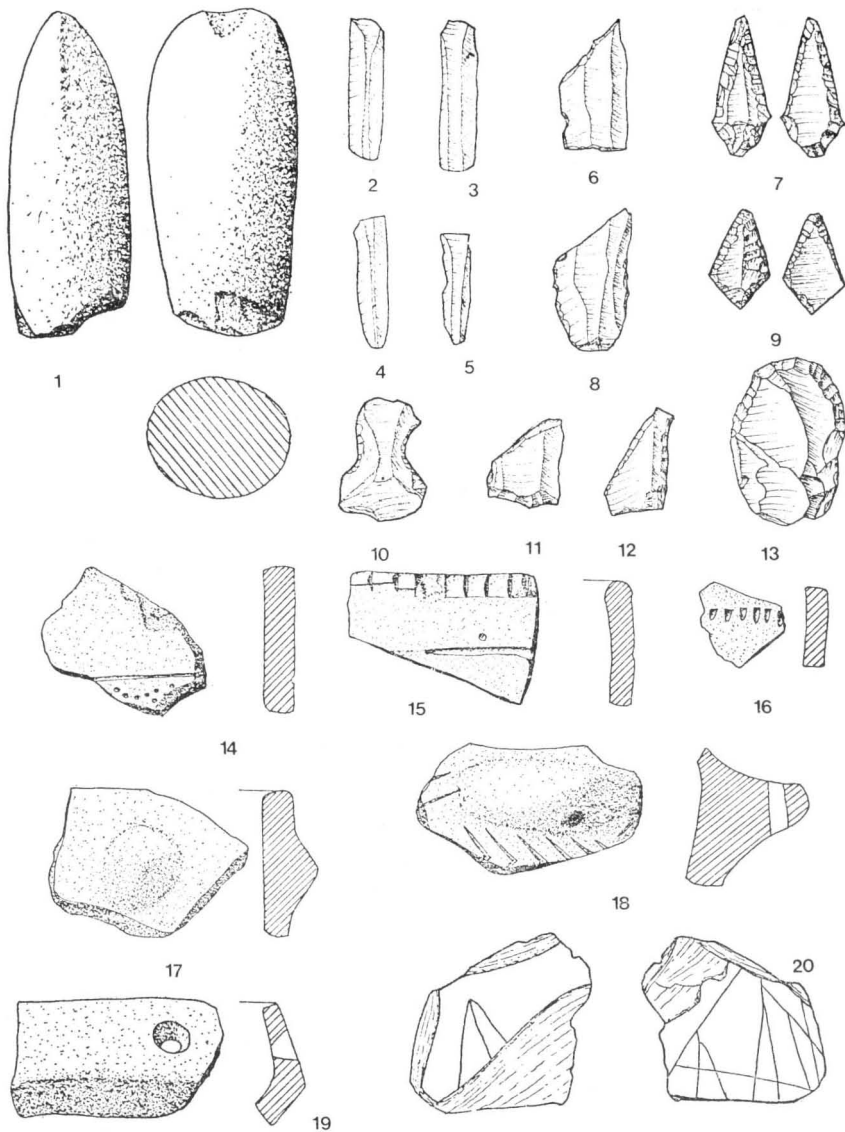


Fig. 2 — Artefactos de tradição neolítica, pertencentes à primeira fase de ocupação do povoação: 1 — machado cilíndrico (x 2/3); 2-6, 8, 11, 12 — microlitos e indústrias microlíticas (x 1); 7, 9 — pontas de seta de base triangular, com aletas laterais incipientes (7) (x 1); 10 — «enchoche» dupla (x 1); 13 — raspadeira (x 1); 14 — cerâmica decorada a ponteados (x 2/3); 15 — fragmento de vaso de bordo dentado (x 2/3); 16 — fragmento de cerâmica impressa (x 2/3); 17, 18 — cerâmica mamilada ou com pegas, perfuradas verticalmente e com decoração incisa (18) (x 2/3); 19 — cerâmica carenada (fragmento de taça) (x 2/3); 20 — fragmento de placa de xisto (x 1).

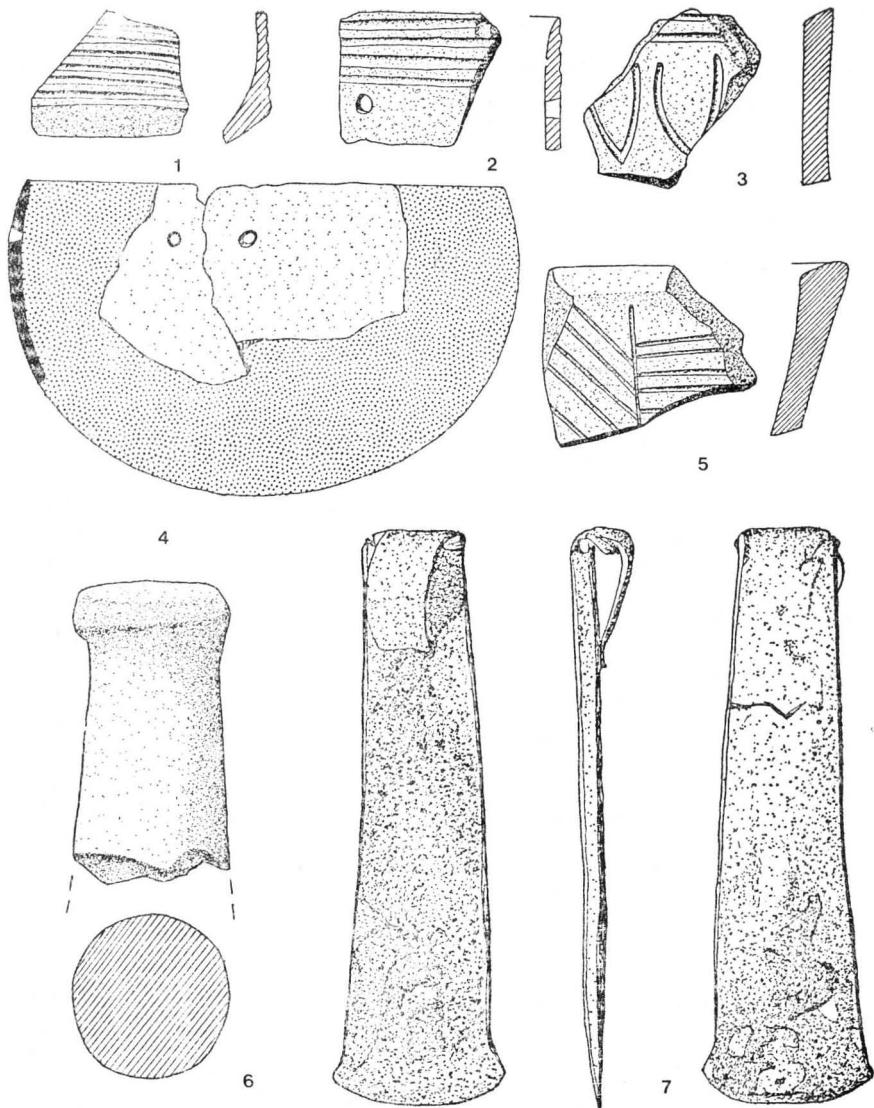


Fig. 3 — Artefactos correspondentes à primeira ocupação calcolítica dos povoados do Baixo Tejo e Sado: 1, 2, 3 — fragmentos de «copos» canelados (x2/3); 4 — taça hemisférica de paredes muito finas (x2/3); 5 — cerâmica decorada no interior (x2/3); 6 — ídolo de terracota, aparentado dos «ídeos garrafa» de tipo egípcio (x2/3); 7 — machado plano de cobre, possivelmente nunca encabado (x1).

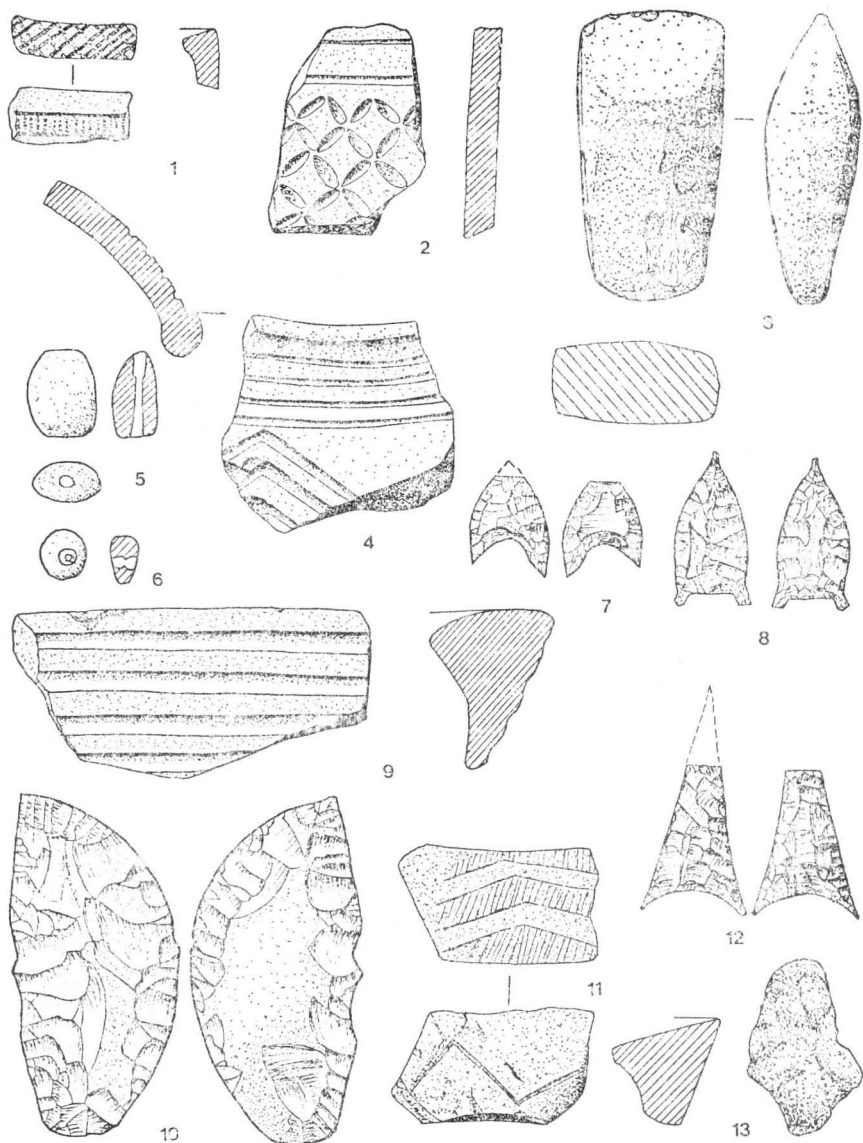


Fig. 4 — Artefactos integráveis no Calcolítico Pleno e Superior da região aludida: 1, 9, 11 — cerâmica campaniforme: fragmentos de «taça de Palmela» decorada a ponteados (1) (x2/3) e por incisões (11) (x2/3). Bordo de «taça de Palmela», com decoração canelada, de tradição anterior (9) (x1); 2, 4 — cerâmica decorada em «crucifera» (2) e por sulcos largos e profundos (4) (x2/3); 3 — machado de secção rectangular, de anfibolito (x2/3); 5, 6 — contas de minerais verdes, em geral pertencentes ao grupo das variscites. Podem também pertencer parcialmente ao Calcolítico inicial (x1); 7, 8, 12 — Pontas de seta de base côncava, de tipo almeriense (7), mitriforme (8) e «Torre Eiffel» (12) segundo a designação de A. do Paço (x1); 10 — elemento de foice de talhe bifacial (x1); 13 — escória de fundição, de cobre (x1).